

O limite entre o público e o privado: Um olhar semiótico sobre o filme *Capote*

What is the boundary between public and private. A semiotic look at the movie *Capote*

Raissa Nascimento Dos Santos¹

José Cavalcanti Sobrinho Neto²

Cláudio Cardoso Paiva³

Resumo

O presente artigo pretende examinar os limites entre o espaço público e o espaço privado, observando a responsabilidade da imprensa na reportagem dos fatos, e elege como referencial teórico as contribuições de autores como André Comte-Sponville e Charles S. Peirce. O objetivo do trabalho é usar os aportes da semiótica na investigação da praxis jornalística, ou seja, analisar os três estágios da experiência cognitiva, abdução, dedução e indução. O estudo contempla o filme *Capote* (2005), adaptação do livro *A Sangue Frio* (1966), marco do *new journalism*, que favorece um olhar sobre a vida pública e privada das fontes jornalísticas, e em última instância, instiga uma reflexão sobre o Código de Ética que rege o *métier* dos Jornalistas Brasileiros.

Palavras-chaves: Espaço Público; Espaço Privado; Semiótica; Peirce; Capote.

Abstract

This paper examines the boundaries between public space and private space, observing the responsibility of the press in reporting the facts, and elects as a theoretical contributions of authors André Comte-Sponville and Charles S. Peirce. The objective of this paper is to

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Especialista em História e Jornalismo pela Universidade Católica de Pernambuco (Unicap) e Formação Superior em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo pela Unicap. E-mail: raissa.nascimento.santos@gmail.com

² Formação Superior em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo pela Universidade Católica de Pernambuco, e-mail: netojcavalcanti@gmail.com

³ Doutor em Ciências Sociais, professor Associado ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Mestrado Profissional em Jornalismo da UFPB, e-mail: claudiocpaiva@yahoo.com.br



use the contributions of semiotic in the journalistic research praxis, that means to examine the three stages of cognitive experience, abduction, deduction and induction. The study includes the film *Capote* (2005), adaptation of the book *In Cold Blood* (1966), a milestone in the new journalism, which favors a look at the public and private life of journalistic sources, and ultimately provokes a reflection on the Code of Ethics that rules the métier of Brazilian Journalists.

Keywords: Public Space; Private space; semiotics; Peirce; Capote.

1. *A Sangue Frio: a ambição pelo melhor livro do mundo*

O jornalista Truman Capote interpretado pelo ator Philip Seymour Hoffman⁴, no filme: “Capote”⁵ retrata a história vivenciada pelo repórter durante a apuração⁶ para a elaboração do primeiro livro-reportagem: “*A Sangue Frio*”⁷, que inaugurou o novo gênero literário e estilo do *new journalism*⁸.

No filme, assim como na vida real, Capote trabalhava para a *Revista The New Yorker* e ao ler uma nota no jornal *New York Times* sobre a história do assassinato da família Clutter⁹ o jornalista percebeu através do *felling* jornalístico a pauta que a história continha. Então, propôs ao seu editor dar visibilidade ao impacto do crime no cotidiano de uma pequena cidade de pouco mais de 270 habitantes. Um mês depois dos homicídios, o repórter viaja com a amiga de infância e escritora Harper Lee (interpretada no filme pela atriz Catherine Keener) para investigar os fatos em torno da história.

⁴ Em 2006, o ator conquistou o Prêmio Oscar de melhor ator pela interpretação de Capote.

⁵ Em 2005, o diretor Bennett Miller lançou o filme *Capote*.

³ A apuração jornalística iniciou no ano de 1959 e teve duração de seis anos. A primeira edição foi publicada em 1966.

⁷ A primeira edição da obra foi publicada em 25 de setembro de 1965.

⁸ *New journalism* também é conhecido como jornalismo literário é o estilo de contar histórias verdadeiras utilizando os recursos literários da não-ficção.

⁹ Foram brutalmente assassinados o fazendeiro Herb Clutter, a esposa Bonnie Clutter e os dois filhos Kenyon e Nancy. O crime abalou a pequena cidade de Holcomb, do interior do estado de Kansas, nos Estados Unidos.



Ao chegar em Holcomb, onde ocorreram os crimes, a primeira atitude do repórter consiste em ir à delegacia para entrevistar o investigador que lidera a apuração do caso: Alvin Dewey (interpretado pelo ator Chris Cooper), porém o mesmo declara que as informações serão repassadas durante a coletiva de imprensa e sai da sala, deixando o jornalista sozinho. Durante a coletiva de imprensa, Alvin divulga a recompensa que o Comitê de Fazendas do Oeste e do Kansas oferece por qualquer informação relevante sobre o paradeiro dos assassinos: mil dólares. O jornalista, então inicia a investigação paralela e descobre onde mora a primeira testemunha que encontrou as vítimas mortas: Laura Kinney¹⁰. O repórter Capote possui como características durante o exercício profissional, voz suave e extrema gentileza, diferente da sua postura de ostentação e vaidosa, exibida com glamour nos eventos sociais em Nova York. Durante entrevista com Laura Kinney, rapidamente conquista a confiança da jovem testemunha e em primeira mão tem acesso ao diário de uma das vítimas, a adolescente Nancy Clutter.

É possível, observar a mudança brusca de comportamento de Capote quando está com as suas fontes em busca do furo jornalístico ou de alguma informação relevante e da atitude que detém, enquanto se vangloria dos feitos jornalísticos. Essa mudança de comportamento, além de revelar uma pessoa inconstante emocionalmente¹¹, também expõe a dimensão ética de suas práticas profissionais. A questão moral, debatida por André Comte-Sponville, na obra *Apresentações da filosofia* (2002: 17-26), configura-se na frase “toda moral é a relação com o outro”.

O que é a moral? É o conjunto do que o indivíduo se impõe ou proíbe a si mesmo, não para, antes de mais nada, aumentar sua felicidade ou seu bem-estar próprios, o que não passaria de egoísmo, mas para levar em conta os interesses ou os direitos do outro, mas para não ser um canalha, mas para permanecer fiel a certa ideia da humanidade e de si (COMTE-SPONVILLE, 2002, p. 17-26).

O jornalista Capote, sem autorização, abriu os caixões violando os corpos para examinar como estavam fisicamente as vítimas. Ele também observa as fotos de como os corpos estavam quando foram encontrados pela polícia. Atento a cada detalhe começa a formular indagações e hipóteses sobre os assassinatos: “Por que colocar um travesseiro

¹⁰ A personagem Laura Kinney foi interpretada no filme pela atriz Allie Mickelson.

¹¹ O jornalista Capote enfrentava problemas com drogas, álcool e barbitúricos, falecendo em 25 de agosto de 1984 devido à ingestão de barbitúricos.



embaixo do menino antes de disparar?”. Segundo o semioticista Charles S. Peirce¹² (1991:13-58) durante a investigação o raciocínio perpassa três estágios: abdução¹³, dedução¹⁴ e indução¹⁵, tendo sempre a companhia das hipóteses¹⁶ que serão verificadas ou refutadas e assim, reformuladas.

A abdução se inicia a partir dos fatos, sem que, nesse começo, haja qualquer teoria particular em vista, embora seja motivada pelo sentimento de que a teoria é necessária para explicar os fatos surpreendentes. A indução se inicia de uma hipótese, que parece a recomendar-se a si própria, sem que, nesse começo, haja quaisquer fatos em particular à vista, embora sinta necessidade de fatos para sustentar a teoria. A abdução persegue uma teoria, a indução persegue fatos. Na abdução, a consideração dos fatos sugere a hipótese. Na indução, o estudo das hipóteses sugere a experimentação que traz a luz os próprios fatos, para os quais a hipótese havia apontado (TRUZZI,1983, p. 32).

Capote caminha durante toda a apuração pelos três estágios do raciocínio (abdução, dedutivo e indutivo). E escolhe, segundo Hitchings (1946:115-116)¹⁷, o método mais difícil “raciocinar do efeito em direção à causa é menos frequente e portanto, mais difícil do que raciocinar da causa para o efeito”. O repórter utilizou da boa memória e de atitudes cortês para se aproximar das pessoas que interessavam a apuração jornalística, como Dorothy Sanderson (interpretado no filme pela atriz Araby Lockhart), esposa do xerife Walter Sanderson (interpretado no filme pelo ator Harry Nelken), levando o livro anterior dele autografado com café da manhã e o jornal do dia para cativá-la e, assim, ter oportunidade de se aproximar dos assassinos Perry Edward Smith (interpretado no filme pelo ator Robert Blake) e Richard "Dick" Eugene Hickock (interpretado no filme pelo ator Scott Wilson) que neste momento estavam detidos na casa do xerife, Walter Sanderson.

¹² Peirce foi citado por Thomas Sebeok e Jean Umiker Sebeok no artigo: “Você conhece o meu método: uma justaposição de Charles S. Peirce e Sherlock Holmes”, no ano de 1991.

¹³ Segundo Peirce (1991: 19) resumidamente diz que: “a abdução, ao fim das contas, não é senão conjectura”.

¹⁴ O estado dedutivo consiste em criar mecanismos para provar, como defendeu Peirce (1998:221), que “algo deve ser”.

¹⁵ Peirce defendia a indução como o único método comprobatório e afirmava (1991:28): “as hipóteses que relutamos a submeter ao teste da indução são os maiores obstáculos a um raciocínio bem sucedido”.

¹⁶ De acordo com Peirce (1991: 28): “a melhor hipótese é aquela mais simples e mais natural, a mais fácil e menos dispendiosa de ser checada e que, além do mais, contribui para uma compreensão do espectro mais amplo de fatos possíveis”.

¹⁷ A citação foi retirada da obra original: Sebeok, T with Sebeok, J.U. 'You Know My Method,' In Sebeok, T. **The Play of Musement.**, Bloomington, IA: Indiana, 1991, p. 25.



Aos poucos, o jornalista Capote conquista a confiança dos presos e com uma troca sutil de favores: aspirinas para dores de cabeça, livros para ajudar a passar o tempo, contratação de um bom advogado para ajudar a defender os presos: Perry Edward Smith e Dick Hickock. O repórter Capote estava obcecado para ouvir a versão dos crimes e chegou ao ponto de em conversa com o detento Perry afirmar claramente que só voltada a visitá-lo quando este quisesse contar a cena da noite da tragédia, retirando-se em seguida da cela.

2. Utilitarismo x Universalismo

É muito tênue a fronteira que separa o âmbito público do privado. Nos momentos de escolha, de bifurcação e de dilemas profissionais, o jornalista é apresentado a duas possíveis atitudes: a utilitarista e a universalista. Segundo Christofolletti (2008, p. 55): “O utilitarismo depende de previsões de qual será o cenário menos pior e, mesmo assim, estas não impedem danos colaterais ou erros de avaliação. O universalismo se mostra altamente inflexível e incapaz de deter prejuízos que poderiam até ser evitados”.

Em suma, existe a possibilidade de preservar os envolvidos no acontecimento com a omissão de algum tipo de dado comprometedor e polêmico ou trazer a público tudo o que foi apurado, independente das conseqüências negativas às pessoas relacionadas ao fato. Extremista ou diplomático, o jornalista precisa decidir. Capote o fez, optando pela postura universalista. Não ponderou as implicações dos relatos de seu livro à vida dos prisioneiros e preferiu tornar público o que aconteceu na noite do assassinato da família Clutter. Para Truman, a informação era de grande valia à sociedade e, obviamente, aos seus interesses pessoais e profissionais.

“Ninguém permanece o mesmo após um momento de tomada de decisão moral. É assim que a ética profissional se constrói: nas bifurcações do caminho”, já afirmou Rogério Christofolletti (2008). Em um impasse, qual caminho escolher? O do utilitarismo ou do universalismo? O melhor seria agir para gerar o mal menor ou trazer à tona a informação custe o que custar? Melhor do que determinar soluções é levantar mais questionamento, segundo o próprio Christofolletti (2008).

3. Capote sob a ótica ética e moral jornalística



Analisando as práticas jornalísticas a partir do olhar do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros¹⁸ é possível verificar a infração do inciso VIII, do artigo 6, do capítulo II, que afirma: “respeitar o direito à intimidade, à privacidade, à honra e à imagem do cidadão”. Capote não respeitou a imagem pública dos presos. E mesmo depois de ter acesso ao depoimento deles incluiu no livro, desrespeitando o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros o inciso IV, do artigo 7, do capítulo II que defende: “expor pessoas ameaçadas, exploradas ou sob risco de vida, sendo vedada a sua identificação, mesmo que parcial, pela voz, traços físicos, indicação de locais de trabalho ou residência, ou quaisquer outros sinais”. Além de não levar em consideração o capítulo III que aborda a responsabilidade profissional do jornalista que prevê no artigo 11, inciso II: “de caráter mórbido, sensacionalista ou contrário aos valores humanos, especialmente em cobertura de crimes e acidentes”.

O livro: “A Sangue Frio” teve o seu pré-lançamento e todos os jornais divulgaram a obra. Os presos Perry e Dick tiveram acesso ao conteúdo divulgado pela imprensa e ficaram impressionados pela abordagem do repórter. Capote se defende dizendo que aquele título havia sido imposição da editora e afirmava mais uma vez que o livro defendia os presos e não os condenava. Assim, inicia um “jogo” com os presos e se isenta de ajudá-los, não tenta mais contratar advogado e se omite quando os amigos detentos pedem ajuda. Ao final, eles são condenados à morte e Capote assiste à execução dos “amigos”.

Rosa Montero na obra *A louca da casa* (1951: 65) analisa o jornalista Capote e a sua obra “A Sangue Frio” e afirma: “Capote quis escrever *O melhor livro do mundo*, e deve ter metido na cabeça que, para ser perfeito, o livro devia terminar com a agonia dos assassinos, da mesma maneira que começara com a agonia dos fazendeiros. Mas errou. Errou eticamente e, o que para ele era ainda pior, também literalmente”.

Truman desejou demais o sucesso. Desde criança ansiou desesperadamente ser rico e famoso, e estava disposto a vender sua alma para consegui-lo. E, de fato, vendeu. Já era muito conhecido (venceu como escritor ainda bem jovem) quando empreendeu o que seria sua *opera magna*, a reportagem romanceada *A sangue-frio*, uma reconstrução magistral do absurdo assassinato de uma família de fazendeiros, o pai, a mãe e dois filhos adolescentes, por dois jovens de vinte anos meio idiotas, de vida tão triste e precária que nem sequer chegaram a desenvolver suficientemente sua consciência do mal. Capote pesquisou o caso durante três anos; conheceu os

¹⁸ O presente Código foi assinado na cidade de Vitória, em 4 de agosto de 2007, e pode ser consultado gratuitamente no link: <http://bit.ly/1dtyMFp>. Acessado em 2 de junho de 2014.



assassinos, que estavam na cadeia condenados à morte, e conviveu com eles. Escreveu a obra quase toda e esperou mais dois anos, até que os criminosos fossem executados, para fazer o capítulo final e publicar o livro. Durante todo esse tempo, Capote visitava e se correspondia com os condenados, que lhe mandavam cartas angustiadas pedindo-lhe para interceder por eles diante das autoridades, que pedisse um indulto, que os ajudasse a salvar o pescoço. Ele respondia com boas palavras e dizia que tinha chegado a sentir certo afeto por eles, mas no fundo mais escuro de si mesmo estava desejando que os juízes rejeitassem todos os recursos e os matassem de uma vez, para poder publicar o livro e desfrutar da glória, porque sabia que era a melhor coisa que já tinha escrito. Capote escreveu para a sua amiga Mary Louise: “Como você talvez tenha ouvido, o Supremo Tribunal rejeitou as apelações (pela terceira maldita vez), ou seja, pode ser que em breve aconteça algo num sentido ou noutro. Já tive tantas decepções que quase não me atrevo a esperar que seja agora. Mas deseje-me boa sorte!”. Truman não fez nada por Dick e Perry, e a verdade é que ficou horrorizado, mas também alegre quando finalmente eles foram enforcados; e não creio que se possa chegar impunemente a essa miséria moral (MONTERO, 1951, p. 64-65).

Capote usou da ética provisória para justificar as suas práticas jornalísticas. Como descreve Caio Túlio Costa na obra *Ética, jornalismo e nova mídia: uma moral provisória* (2009: 252): “Os jornalistas utilizam um “código moral temporário” quando infringem aquilo que as normas tradicionais, ou mesmo do bom senso, definem como moralmente aceitável”.

O jornalista, se não conhece teoricamente, ao menos intui o que possa ser uma moral definitiva do ponto de vista normativo, seja de forma mais aprofundada, seja do ponto de vista do senso comum. Sua moral provisória, portanto imperfeita, é convocada quando ele precisa dela interinamente, por uma razão qualquer que a moral idealizada por ele não acobertaria – quando, por exemplo, necessita contar uma “mentirinha” ou precisa usar uma “meia verdade” para alcançar um objetivo que considera nobre. Então ele esgrime o seu código moral provisório (COSTA, 2009, p. 253).

O jornalista Capote teve a vaidade como o seu principal e pior inimigo. Rosa Montero (1951: 67) analisa: “sim, certamente a fama teve a sua parte de culpa na ruína de Capote, assim como o supremo egocentrismo com que despachou Dick e Perry. Mas houve também um terceiro motivo pelo qual Truman se destruiu: após o enorme sucesso de público e de vendas de *A sangue frio*, os críticos não deram a Capote o *National Book Award* nem o Pulitzer, os dois prêmios mais prestigiosos do ano”.

O método investigativo de Truman, como é retratado no filme, é permeado por tentativas discutíveis de aproximar-se das fontes e sincronizar as histórias de vida. Algo como incitar uma identificação emocional entre o entrevistado e o entrevistador baseada em experiências de vida similares. Quando entrevista a melhor amiga de Nancy Clutter, Laura Kinney, Capote descobre que o namorado da jovem assassinada é tratado pela comunidade local como um dos suspeitos. Demonstra, então, compartilhar do sentimento gerado pela



incompreensão social, devido a seu modo de ser e de agir. Com o manuseio hábil do direcionamento da entrevista, acaba alcançando seus objetivos investigativos.

Aparentemente, essa compaixão exacerbada do jornalista pelas fontes não é de todo falsa. Truman dá sinais de que guarda uma consciência ética distorcida. Exemplo disso é a resposta que dá a sua amiga de infância Harper Lee depois de ser questionado sobre os reais sentimentos acerca do prisioneiro Perry Smith: “Sinto como se tivéssemos crescido juntos no orfanato, mas Perry acabou saindo pela porta dos fundos e eu pela porta da frente”. O célebre autor de “A Sangue Frio” fere profundamente os preceitos éticos e a própria deontologia do jornalismo pelo simples fato de prezar única e exclusivamente seus interesses particulares.

Na moral, segundo Alain Renaut (1993), existe apenas sentimento de dignidade, afirma. É respeitar a humanidade em si próprio e no outro. Rousseau (1978a, p. 254) destaca outra máxima voltada à moral na sociedade: “Faz teu bem fazendo o menor mal possível aos outros”. Ou seja, a ética é o exercício da moral, a aplicação do conjunto de imposições e proibições que o indivíduo realiza para preservar os direitos alheios. Em suma, é uma atitude essencialmente altruísta diferente da postura que Capote assume na sua rotina investigativa na cidade onde vivia a família Clutter. Comte-Sponville (2002, p. 19) aponta a solidão e grandeza da moral: “você vale única e exclusivamente pelo bem que faz, pelo mal que se proíbe fazer, sem nenhum outro benefício além da satisfação de fazer o bem – mesmo que ninguém jamais venha a saber do seu feito”. Pela ótica de Renaut (1993), o profissional torna-se sozinho universalmente.

Capote suplanta qualquer pensamento que verdadeiramente beneficie os dois assassinos. A oferta de ajuda e favores sobrevive até o momento em que conquista a única moeda de troca pela qual mantém contato com os criminosos e demonstra compadecimento pela situação em que se encontram: a versão deles sobre a noite do assassinato. Segundo Comte-Sponville (2002, p. 20), “a moral responde à pergunta: O que devo fazer?”. Existem três momentos no filme em que Truman se depara com tal questão e acaba reforçando a ideia de que “ninguém permanece o mesmo após um momento de tomada de decisão moral. É assim que a ética profissional se constrói: nas bifurcações do caminho” (CHRISTOFOLETTI, 2008, p. 55). Nas três situações, o jornalista da revista *New Yorker* pareceu decidir pelo caminho errado no que diz respeito ao atendimento à conduta ética da profissão.

A primeira acontece no momento em que é alertado por um colega de profissão sobre o fato de conseguir um advogado para a dupla Perry e Dick: “Tome cuidado com o que faz



para conseguir o que quer”. Ao estabelecer um vínculo que ultrapassa os limites profissionais, infringe o Código de Ética Jornalística. Capote imerge na história que conta e influencia diretamente o desenvolvimento dos fatos, contrariando Christofolletti (2008, p. 41) quando este afirma que “o jornalista deve estar próximo da fonte o bastante para extrair o que interessa e distante o suficiente para não se confundir com a notícia”.

O segundo dilema ético “trumaniano” – e talvez o mais influente nas consequências morais após a morte dos criminosos – acontece minutos antes do enforcamento de Perry Smith e Richard Hickock. Capote se dirige aos dois, mas é como se proferisse as palavras seguintes a si próprio, quase que justificando o que aconteceria: “Eu fiz tudo o que podia. Realmente fiz”. O terceiro embate moral do renomado jornalista acontece no final do filme, durante uma conversa com a escritora Harper Lee: “Eu não pude fazer nada para salvá-los”, se defende Capote. “Você não quis salvá-los”, rebate Lee.

Os três momentos exemplificam as bifurcações a que foi apresentado Truman. Do ponto de vista ético, ele foi equivocado em grande parte delas. Em sua famosa frase, Cláudio Abramo afirma que “o jornalismo é o exercício diário da inteligência e a prática cotidiana do caráter”. Seguindo o mesmo raciocínio, Christofolletti (2008) destaca que “é necessário buscar uma forma de combinar fazer bem com fazer o bem, vincular técnica e ética” (p. 34). Em todo seu processo investigativo para produzir a obra de sua vida, Capote fez uso da técnica com rara maestria, introduzindo a narrativa jornalística não-ficcional nas rotinas produtivas do jornalismo. Porém, foi universalista, ou seja, colocou a necessidade de tornar público o acontecimento acima de qualquer direito de privacidade e preservação de imagem. “As escolhas passam pelo campo da moralidade, pelo terreno minado de valores” (CHRISTOFOLETTI, 2008, p. 7) e Truman Capote ativou todas as minas desse terreno. O que o motivava? Fama.

O profissional do jornalismo está sempre vivendo esses momentos de decisão, de filtragem ética das escolhas a serem pinçadas num universo de tantas possibilidades.

[...] em todos os momentos se descartam e se elegem informações, seja no ato da revelação do fato e de sua apreensão junto á fonte, seja na pesquisa, na pauta, na apuração, no comentário, na análise, na edição – e isso se faz com certa visão de mundo, por mais crítica, acrítica, informada ou desinformada. Por tudo isso, não basta o bom senso (COSTA, 2009, p. 255).



Costa (2009, p. 255) também reflete sobre a inerência do debate ético à rotina de trabalho do jornalista:

A ética e o seu contrário, a antiética, são imanentes ao fazer jornalístico. O jornalismo será ético ou não em função do sabor da hora, do lugar, da necessidade, do interesse, do olhar. Em especial nas condições industriais – nas quais o negócio da comunicação é o fator decisivo para a existência do próprio jornalismo e na sua configuração imposta pela indústria da cultura -, que tudo homogeneíza. (COSTA, 2009, p. 255)

Mesmo que o profissional não detenha conhecimento teórico desse código moral, é natural que intua o que possa ser uma moral definitiva. Portanto, o uso da moral provisória, já citada neste artigo, é uma mera ferramenta para relativizar situações e alcançar objetivos essencialmente egocêntricos, que ferem de alguma forma a ética jornalística e até mesmo os preceitos morais do senso comum. Em resumo, não passa de uma justificativa rasa para a invasão de privacidade, suborno e manipulação, práticas comuns ao comportamento de Capote durante toda a fase de pesquisa para a produção de “A Sangue Frio”.

4. Considerações Finais

Capote escreveu a obra de sua vida, inaugurando o que ficou conhecido como *new journalism*. Para realizar tal feito, violou a ética profissional em diversos trechos do seu percurso de apuração para escrever o livro *A Sangue Frio*. É inegável o mérito técnico da narrativa de Truman. Ele reinventa a forma de se contar histórias, incrustando a ficção na realidade.

Contudo, após analisar todo o caminho do jornalista, levanta-se o seguinte questionamento: qual é o limite entre o público e o privado no exercício do jornalismo para se contar uma grande história? É preciso, segundo Christofolletti (2008), vincular ética e técnica, ou seja, fazer bem ao mesmo tempo em que se faz o bem. É simplista e leviano acreditar que o jornalista veste uma armadura moral que o blindava de qualquer tipo de deslize ético. Todo o dia, a toda hora, o repórter, editor ou chefe de redação se depara com as situações de escolha. É nesse momento que se prova o caráter do profissional.

Leve-se em consideração, também, um fator importante para o transcorrer desta reflexão: as decisões tomadas dentro das redações influenciam positivo e negativamente a vida de pessoas. O jornalista tem o poder de catapultar nomes aos mais altos patamares da



hierarquia social; da mesma forma que pode promover os maiores genocídios sociais. H. Eugene Goodwin, em seu livro “Procura-se ética no jornalismo” lista uma série de perguntas que devem ser feitas pelos jornalistas antes de tomarem decisões importantes que envolvam possíveis consequências negativas ao código de ética profissional. Uma delas é: Poderei me olhar de novo no espelho (depois de decidir)? Caso Truman fizesse tal pergunta, mesmo depois de todas as decisões equivocadas que tomou, talvez ainda estivesse na frente do espelho até agora.

5. Referências Bibliográficas

- CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Ética no Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008.
- COMTE-SPONVILLE, André. **A moral**. In: Apresentações da filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- COSTA, Caio Túlio. **Ética, Jornalismo e Nova Mídia: uma moral provisória**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- FENAJ. **O Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**. Disponível em: <<http://bit.ly/1puevpb>>. Acesso em: 28 mai. 2014.
- GOODWIN, H. E. **Procura-se ética no jornalismo**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1993.
- MONTERO, Rosa. **A louca da casa**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- RENAUT, A. Sartre. **Le dernier philosophe**. Paris: Bernard Gasset, 1993.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a Origem e o Fundamentos da Desigualdade entre os Homens**. São Paulo: Abril Cultural, 1978a (Col. Os Pensadores, 2. ed., p. 201 a 320).
- Sebeok, T. with Sebeok, J.U. ‘You Know my Method,’ In: Sebeok, T. **The play of Musement.**, Bloomington, IA: Indiana, 1981:25
- TRUZZI, Marcelo. **Você conhece o meu método**. In: O signo de três. São Paulo: Editora Perspectivas, 1983.